

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 1 Janeiro - Abril 2025

ARTIGO

MOEDAS, MUSEUS E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA ANÁLISE DO PANORAMA BRASILEIRO

Leticia Aga Pereira Passos*

RESUMO

Este artigo busca estabelecer algumas conexões entre a pesquisa de recepção e as áreas da Arqueologia e da Museologia. Para isso, focamos na cultura material da moeda, refletindo sobre a Numismática no contexto museal brasileiro, com especial atenção à exposição de moedas e a forma como esses pequenos objetos são apresentados e interpretados no ambiente museológico. Também abordamos a questão da educação patrimonial, explorando o papel do público como sujeito cultural nos processos museais e de *comunicação*. Esse tema tem ganhado espaço nas reflexões sobre as dinâmicas entre emissor, meio e recepção, uma vez que evidencia o processo dialógico e comunicativo dessas interações nas áreas mencionadas.

Palavras-chave: Pesquisa de recepção; Educação patrimonial; Moedas; Museus brasileiros

* Doutoranda em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo. E-mail: leticia.appassos@usp.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4526-6016>

COINS, MUSEUMS, AND HERITAGE EDUCATION: AN ANALYSIS OF THE BRAZILIAN CONTEXT

ABSTRACT

This study primarily aims to establish some connections between reception research and archaeology and museology. For this, we focus on the material culture of coins, reflecting on numismatics in the Brazilian museum context, emphasizing the exhibition of coins and how museums showcase and interpret these small objects. We also address the issue of heritage education, exploring the role of the public as cultural agents in museological and communicative processes. This theme has become increasingly important in discussions about the dynamics between transmitters, media, and reception, highlighting the dialogical and communicative process in the previously mentioned fields.

Keywords: Reception research; Heritage education; Coins; Brazilian museums

MONEDAS, MUSEOS Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL: UN ANÁLISIS DEL PANORAMA BRASILEÑO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo establecer algunas conexiones entre la investigación de recepción y las áreas de Arqueología y Museología. Para ello, nos enfocamos en la cultura material de la moneda, reflexionando sobre la numismática en el contexto museístico brasileño, con especial atención a la exposición de monedas y cómo estos pequeños objetos son presentados e interpretados en el ámbito museológico. También abordamos la cuestión de la educación patrimonial, explorando el papel del público como sujeto cultural en los procesos museísticos y de *comunicación*. Este tema ha ganado espacio en las reflexiones sobre las dinámicas entre emisor, medio y recepción, ya que evidencia el proceso dialógico y comunicativo de estas interacciones en las áreas mencionadas.

Palabras clave: Investigación de recepción; Educación patrimonial; Monedas; Museos brasileños

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir de algumas reflexões desenvolvidas durante a participação em uma disciplina acadêmica¹ sobre a recepção do público em museus, além do interesse pessoal da autora nas dinâmicas da Numismática como modelo interpretativo na Arqueologia. Antes consideradas meros objetos de coleção para antiquários, gradualmente, as moedas passaram a exercer um papel singular no estudo arqueológico, expressando “não apenas um meio de troca definindo um valor; não apenas uma expressão artística que é fruto das obras, dos gostos e das técnicas do seu tempo, mas também [...] [um] veículo de uma mensagem de identidade e poder” (Lo Monaco, 2019, p. 749). Diante disso, este artigo discute o papel educativo das exposições museológicas direcionadas ao público, questionando como a moeda pode ser usada como instrumento educativo.

A tradução da expressão *heritage education*, empreendida pela diretora do Museu Imperial, Maria de Lourdes Horta, a partir de sua experiência na Inglaterra, destaca as práticas educativas referentes ao patrimônio. Suas reflexões partem da tentativa de aproximar o público dos monumentos por meio da apresentação material, o que pode levar a questionamentos e apropriações diversas em relação a esses patrimônios (Demarchi; Scifoni, 2019).

Nesse sentido, propõe-se compreender a educação patrimonial no contexto de museus e seus acervos numismáticos de forma crítica, associada a uma postura eficaz, que promova a autonomia do sujeito, em oposição a uma educação baseada na simples transmissão ou marcada por características paternalistas e autoritárias. Assim, discutiremos como a moeda pode oferecer novas perspectivas e intenções tanto para aqueles que a produziram quanto para aqueles que as observam, valorizando novas narrativas, olhares, culturas e pluralidades cotidianas.

COMUNICAÇÃO EM FOCO: UM CONTRAPONTO ENTRE A COMUNICAÇÃO NUMISMÁTICA E A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

A Numismática é a ciência que estuda as moedas, medalhas, cédulas e objetos pecuniários, relativos às trocas comerciais ou meios de pagamento. O termo deriva da raiz grega “*nem-*” (dar, distribuir), da qual também se deriva “*nómos*” (dado, distribuído). Daí provêm palavras como “número”, “lei” e “moeda”. A moeda, definida como um objeto concreto, incorpora o sufixo grego “*-ma*”, que designa concretude. Dessa forma, “*nómisma*” (moeda) é a lei transformada em objeto, assim como a memória, “*mneme*”, uma abstração, se concretiza no memorial, “*mnema*”. Em latim, o termo genérico para “moeda” é “*nummus*”. “Na expressão corrente *habere in nummis*, ‘ter em dinheiro vivo, em espécie’, o termo denota a concretude, o objeto físico em si” (Funari, 2024, p. 251).

Segundo Paula Aranha, museóloga do Núcleo de Acervo de Numismática da reserva técnica do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, a análise das moedas permite identificar diversos aspectos sociais e econômicos, que auxiliam na compreensão das sociedades antigas e atuais². Os estudos das moedas da Antiguidade, por exemplo, consideram o objeto a partir de duas perspectivas: (1) a teórica ou doutrinal, que trabalha com os fundamentos da ciência, como nomenclatura, bases de classificação e outras generalidades³; e (2) a histórica e descritiva, que analisa e identifica o desenvolvimento da moeda nos diferentes povos, classificando e descrevendo suas distintas emissões monetárias⁴ (Carlan, 2014).

¹ A disciplina intitulada “Pesquisa de recepção de público de museu, educação patrimonial, divulgação científica e extensão universitária” foi ministrada pela Profa. Dra. Marília Xavier Cury, em 2023, pelo Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP).

² Transcrição do segundo episódio do Podcast MHN. Disponível em: <https://mhn.museus.gov.br/index.php/podcast-mhn-segundo-episodio-aborda-acervo-de-numismatica-do-museu-2/>. Acesso em 14 de outubro de 2024.

³ Para mais detalhes, consultar Clain-Stefanelli (1984).

⁴ Para maior aprofundamento, consultar Grieson (1979).

Apesar de serem expressões de poder, tanto para a sociedade emissora, como para outras que as podem utilizar, há sempre uma ambivalência simbólica inerente às moedas. “Por um lado, os dizeres e as imagens referem-se ao poder, mas, por outro, sua leitura estará submetida à leitura dos outros, seja dos escravos, como dos estrangeiros, entre outros excluídos” (Funari, 2024, p. 251-251). Por sua multiplicidade de leituras, a moeda é objeto de estudo de diversas disciplinas, sendo tema de pesquisas arqueológicas que contemplam tanto a Antiguidade Clássica como os demais períodos históricos (Carlan, 2014).

A Numismática transcende a simples observação dos tipos de inscrições das moedas; ela se coloca hoje como uma disciplina científica por meio da qual podem ser estudados muitos aspectos de uma determinada sociedade (Frère, 1984). As moedas podem fornecer dados históricos importantes, como documentos, cujas informações são apresentadas, em sua maior parte, na forma de imagens⁵. Por meio delas, pode-se realizar, por exemplo, uma análise dos aspectos políticos e ideológicos, mediante a aplicação de métodos para identificação e decodificação das imagens contidas nos tesouros numismáticos (Carlan; Funari, 2012).

Christine Pérez (1986), uma das maiores especialistas no estudo das moedas, traz um contraponto interessante entre o termo “comunicação”, adotado em trabalhos de recepção e de numismática. Para a autora, o discurso veiculado pelas moedas e os tipos que são gravados constituem um autêntico sistema de comunicação, baseado na exploração da imagem. Como em qualquer processo de comunicação, em relação às moedas, também há um emissor (os monetários, que podem atuar por conta própria ou por meio de determinado poder político que apoiem), que envia uma mensagem a um receptor (Pérez, 1986). Considerando-se o contexto da Antiguidade⁶, para que um processo de comunicação tenha êxito, são necessários três fatores: (1) a referência a um contexto; (2) a referência a códigos comuns entre remetente e receptor, o que abrange os valores culturais da sociedade em que estão inseridos; e (3) um canal físico de ligação, nesse caso, o suporte de metal. Dessa forma, é preciso que haja códigos comuns entre grupos e indivíduos sociais, a fim de viabilizar a comunicação e o propósito da mensagem do cunho monetário (Figura 1).

Figura 1. Esquema da comunicação a partir da moeda



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Pérez (1986, p. 50).

⁵ As metodologias empregadas nos estudos das moedas podem ser diversas e ir além da iconografia. Entre elas, citamos a análise da circulação monetária, análise dos metais do suporte monetário, processos de cunhagens e indivíduos e materiais envolvidos, entre outros. Para mais detalhes, consultar Frère (1984) e Carlan e Funari (2012).

⁶ A autora alude ao contexto do Império Romano, designando o poder do imperador como emissor e os habitantes da Itália e do império, cidadãos e não cidadãos, como receptores (Pérez, 1986).

E quanto ao processo de comunicação presente no espaço museológico? O museu, espaço utilizado pelas pessoas, tem como objeto a própria cosmologia humana, estando sujeito a todas as formas de complexidade da vida social. A comunicação que lá se desenvolve compreende dois sujeitos, representados respectivamente pelo grupo interno do museu – o que expõe – e outro externo ao museu, o público. Segundo Cury (2015), o campo da Comunicação possibilita uma ampla diversidade epistemológica, oferecendo um leque de possibilidades paradigmáticas, teóricas e metodológicas. Dessa forma, assim como o processo de comunicação inerente à moeda, a área da Comunicação pode adentrar outros campos de estudo, como Museologia, Antropologia, Educação e Sociologia.

O conceito de museu, construído ao longo do século XX com base nas transformações ocorridas nas instituições museais desde o final do século XVIII, culminou com as ideias da Nova Museologia, bem como com a perspectiva científica sobre o campo, desenvolvida, sobretudo, pelo Comitê Internacional de Museologia do Conselho (ICOFOM), a partir da década de 1970 (Soares, 2012). Ao contrapor-se ao museu tradicional, essa nova abordagem propõe a superação de modelos hegemônicos, instituindo uma democracia cultural. Nesse contexto, a comunicação pode ser vista como:

[...] uma forma de entender e estudar o museu, de problematizá-lo enfim, em se tratando da curadoria das coleções, mas também da participação do público na instituição, nos processos comunicacionais e igualmente como problemática a ser tratada para a produção de conhecimento da práxis, a museografia, ou da área, a Museologia (Cury, 2015, p. 12).

É possível observar que houve diversos avanços em relação aos parâmetros adotados pela prática comunicacional nos museus e sua construção como subárea da Museologia. Entretanto, novos equilíbrios ainda são vislumbrados, uma vez que o museu “se reconstrói em elaborações e estatutos conceituais, práticas e relações de inserção social” (Cury, 2015, p. 12). Assim como a curadoria de coleções museológicas sofre transformações, construindo novas premissas, sentidos e ressignificações, estruturas narrativas e retóricas, enunciações, representações e interpretações, também são atualizadas as formas de apropriação do público das mensagens museológicas. Segundo a autora:

A Comunicação já nos ensinou que a teia de ações curatoriais em um museu não se dissocia das formas de veiculação de mensagens pela instituição (não somente no museu) e da recepção, aqui entendida como um processo que antecede e sucede a experiência museal (Cury, 2015, p. 12).

A comunicação é um processo complexo e dinâmico, unindo as condições de produção (a produção de conhecimento e a práxis do museu) à veiculação (ou o meio, a exposição, por exemplo) e à recepção (Cury, 2015). Dentro desse panorama, nos propomos a olhar o objeto moeda na interseção entre os museus e sua prática comunicacional. No entanto, inicialmente, refletiremos sobre o que é esse objeto e sua presença nos acervos brasileiros.

O QUE É UMA MOEDA? A HISTÓRIA DO COLECIONISMO NO BRASIL E A PRESENÇA DAS MOEDAS NOS ACERVOS

A Numismática é um campo que vem crescendo dentro da Arqueologia. No Brasil, diversos pesquisadores vislumbram a potencialidade do estudo das moedas como fonte histórica⁷. Apesar

⁷ Podemos citar os pesquisadores Maria Beatriz Borba Florenzano (MAE-USP), Claudio Umpierre Carlan (Universidade Federal de Aenas – Unifal), Maria Cristina Kormikiari (MAE-USP), Pedro Paulo Abreu Funari (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), Viviana Lo Monaco (MAE-USP), Vagner Carvalheiro Porto (MAE-USP), Carlos Eduardo da Costa Campos (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS), entre muitos outros.

disso, o tema ainda é pouco abordado no Brasil, especialmente quando consideramos a riqueza e a diversidade de peças que se encontram sob a guarda do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (Garrafoli, 2015), que compreende mais de 150 mil itens⁸.

A moeda faz parte do nosso cotidiano. O conceito pode englobar desde sua definição mais simples – o objeto de metal circular com valor monetário – até noções mais complexas, que envolvem trocas monetárias e revoluções tecnológicas, como transferências bancárias, cartões, Pix e criptomoedas. Observando as transformações dos meios de pagamento, evidenciamos sua longa trajetória ao longo da história. Partindo de trocas de mercadorias, como o escambo, o objeto moeda nem sempre existiu. Nas civilizações antigas, como a egípcia e a mesopotâmica ou até mesmo a romana, objetos valiosos eram utilizados para trocas e meio de pagamento, como medida de valor. Segundo autores antigos (como Varrão, 116-27 AEC. e o jurista Paulo, no séc. I EC), esse sistema funcionava a partir da troca de variados objetos de valor, como gado ou sal (Carlan; Funari, 2012). O surgimento da moeda e a razão do seu processo de dispersão pelo mundo antigo ainda têm gerado muitas discussões.

A origem da moeda está ligada a um contexto comercial/mercantil nas cidades gregas da Ásia Menor, no final do século VII AEC. (c. 620-600 AEC). Seus primeiros emissores foram, provavelmente, comerciantes particulares, que começaram a empregar esses pequenos fragmentos de metal para fazer fluir mais facilmente suas atividades comerciais. Posteriormente, o Estado se apropriou dessa ideia, tornando a emissão de moedas um monopólio próprio. A partir de então, a moeda passou a ser difundida entre a maioria das cidades-estados gregas (Florenzano, 1989). Porém, “trata-se, no fundo, de uma invenção cujo significado – tanto na origem quanto em todo o decorrer da Antiguidade – é muito complexo, ultrapassando o mero sentido econômico” (Florenzano, 1989, p. 134).

Mais do que um expediente econômico, típico da economia de troca do Mediterrâneo Antigo, as moedas eram um importante veículo de *comunicação* desde a Antiguidade. “Como documentos oficiais, revelam artifícios de poder e a visão que as cidades e os governantes procuravam oferecer de si mesmos, além de trazer informações importantes sobre o cotidiano social, político e econômico” (Mota; Souza, 2019, p. 286).

Atualmente, há uma forte presença de acervos numismáticos no Brasil. Segundo Bruno Pellizzari (2022), especialista da Sociedade Brasileira de Numismática, as moedas e cédulas fazem parte de acervos museológicos brasileiros desde a fundação dos primeiros museus, com o primeiro museu dedicado exclusivamente à Numismática sendo fundado no final do século XIX. Quando consideramos os museus históricos, essa parcela cresce consideravelmente, de modo que quase todos os museus desse tipo possuem ao menos uma peça numismática (Pellizzari, 2023)⁹.

Podemos mencionar, por exemplo, o Museu da Imigração de São Paulo¹⁰. Embora não contemple nenhuma moeda ou célula em sua exposição de longa duração, a instituição possui mais de 1.000 itens numismáticos, o que corresponde a quase 10% do total de peças de seu acervo. Apesar dessa expressividade numérica, observa-se que ainda existe um desafio de criar um sentido mais relevante para o acervo numismático, para que seus itens passem a integrar exposições de longa duração das instituições (Pellizzari, 2022).

A presença desses pequenos objetos em museus está imbricada com a história do colecionismo no Brasil, principalmente a partir do século XIX. Apesar de seguir o mesmo motor que deu origem

⁸ Conferir <https://mhn.acervos.museus.gov.br/>. Acesso em: 23 set. 2024.

⁹ Destacamos a contribuição de Pellizzari, que evidencia os variados desafios – financeiros, administrativos, de conservação e manutenção dos acervos e de ações educativas – para o projeto de reformulação do Museu de Numismática Julius Meili. O objetivo do projeto foi de criar um museu numismático alinhado à museologia contemporânea, que dependerá de parcerias da comunidade numismática para seu sucesso. Disponível em: <https://snb.org.br/museu-numismatico-julius-meili/> Acesso em: 24 set. 2024.

¹⁰ Site disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/>. Acesso em: 24 set. 2024.

às grandes coleções de moedas europeias, no cenário nacional, esse hábito adquiriu características próprias, explicadas pela situação do país como “periferia” do mundo ocidental (Florenzano, 2005). Inicialmente, o Brasil tinha como foco jardins botânicos e zoológicos, mas, a partir dos anos de 1860, o colecionismo de moedas passou a adquirir maior importância 1860¹¹, principalmente pelas ações das elites brasileiras, que buscavam uma melhor posição em relação às elites europeias. “Boa parte das coleções formadas no século XIX foram, felizmente, incorporadas aos acervos de vários museus brasileiros, públicos ou não” (Florenzano, 2005, p. 49).

Além disso, coleções privadas também trazem panoramas e dinâmicas desses objetos em relação à história brasileira. O Museu Paranaense, por exemplo, que possui atualmente mais de 10.000 objetos classificados na coleção de Numismática Paranaense, possui 29 moedas romanas em seu catálogo, contudo, sem origem determinada. Uma possível explicação é que alguns desses objetos tenham vindo em bagagens dos grandes contingentes imigrantes que ocuparam o Paraná a partir do século XIX (Carlan; Garrafini; Carneiro Júnior, 2015).

Mas quais são as dinâmicas e as razões de se ter um acervo numismático em um museu? Para Maria Beatriz Florenzano, pesquisadora de destaque na área de numismática no Brasil, a resposta parece partir de dois segmentos que confluem: desde o manuseio de uma coleção ao uso museológico que se faça dela.

As primeiras considerações que queremos levar em conta dizem respeito às funções gerais que são atribuídas a um Museu, à maneira como se entende um Museu. Em segundo lugar, é indispensável considerar o tipo específico de Museu que abriga uma coleção de moedas e o tipo específico de público que o Museu atende ou deseja atender (Florenzano, 2005, p. 50).

Partindo de sua experiência pessoal no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) e da pesquisa em seu acervo numismático, Florenzano evidencia a importância da atividade docente, principalmente no papel educativo dos museus. A autora também reflete sobre o tipo de museu que abriga a coleção monetária, diferenciando-o dos museus enciclopédicos¹², dos grandes museus do século XIX, como é o caso do Museu Britânico de Londres, ou ainda dos museus temáticos, voltados para assuntos específicos, como o Museu Histórico Nacional e o Museu Paulista, em São Paulo. Segundo a pesquisadora, o tipo de museu também influencia no tipo de público, que pode incluir estudantes, numismatas ou leigos¹³. Isso é válido, por exemplo, para o Museu da *American Numismatic Society*, em Nova York, e o Museu de Valores do Banco Central, no Brasil.

Florenzano (2005) enfatiza a importância de museus com acervos numismáticos desenvolverem projetos voltados à educação, sobretudo os Museus Universitários, como é o caso do MAE¹⁴.

¹¹ Essa informação se baseia na formação de coleção das moedas do Museu Histórico Nacional, empreendida por Rejane Maria Lobo, e pela coleção do Museu Paulista, em São Paulo, por Ângela Gianeze Ribeiro (Florenzano, 2005).

¹² Para a autora, os museus enciclopédicos são os museus herdeiros dos gabinetes de curiosidade do século XVIII.

¹³ Destacamos que o estudo sobre públicos de museus é complexo e possui desafios em relações necessidades dos variados grupos dentro da política, gestão e cotidiano das instituições. O uso do termo deve ser colocado no plural para marcar sua heterogeneidade e instabilidade em relação às práticas, teorias, políticas e pesquisas nos museus e no campo da Museologia. Para mais detalhes, ler Julia Nolasco Leitão de Moraes (2021).

¹⁴ O MAE exibiu moedas na exposição de longa duração, em um contexto de estudo das tecnologias do mundo grego e romano clássico, temas trabalhados pelo LARP e pelo LABECA. A exposição, que não se encontra mais ativa, foi apoiada por um fascículo sobre moedas na antiguidade, destinado a professores da rede pública de escolas, abordando assuntos variados, como o sentido da iconografia, a origem das moedas, a circulação na antiguidade, entre outros (Florenzano, 2005).

As moedas romanas presentes em seu acervo foram foco de um estudo que as identificou e classificou, visando tornar pública uma coleção tão expressiva e pertencente a um acervo brasileiro¹⁵ (Florenzano; Ribeiro; Lo Monaco, 2015; Perroni, 2021). Antes de discorrermos sobre o papel educativo dos acervos numismáticos, desenvolveremos um breve panorama quantitativo dos museus de Numismática brasileiros para, em seguida, analisar alguns estudos de caso sobre o assunto.

MUSEUS DE NUMISMÁTICA NO BRASIL: PANORAMA QUANTITATIVO E QUALITATIVO POR MEIO DE AÇÕES EDUCACIONAIS E DE PESQUISA

Partindo de perspectivas que consideram participação do público como sujeito cultural nos processos museais, a educação patrimonial, a divulgação científica e a extensão universitária, apresentamos os principais museus brasileiros que possuem acervo numismático (Tabela 1).¹⁶

É importante que exista uma boa comunicação entre diferentes instituições, públicas ou privadas, para que haja uma maior integração entre acervos, o que possibilita superar desafios relativos à gestão, preservação e divulgação dos objetos e seus materiais correspondentes. A Sociedade Numismática Brasileira (SNB) trouxe contribuições importantes a esse respeito com o trabalho intitulado *Projeto da Rede Integrada de Museus Numismáticos*¹⁷, apresentado por Bruno Pellizzari no II Congresso Internacional de Numismática. O Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA) e o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP), ambos do MAE, uniram-se na organização desse encontro, visando aproximar estudantes e público em geral das mais recentes pesquisas sobre o uso da moeda no mundo antigo.

Dada a quantidade de museus brasileiros que possuem acervo numismático, enfatizamos que esses objetos deveriam ser mais amplamente utilizados para o estudo da recepção e o desenvolvimento de ações culturais e sociais entre o espaço museológico e a comunidade. Traremos a seguir algumas propostas de projetos que podem contribuir com esses aspectos.

¹⁵ A Coleção de Moedas Romanas da Universidade de São Paulo. Museu Paulista e Museu de Arqueologia e Etnologia. Para mais informações, ler Lo Monaco, 2018.

¹⁶ Não temos a pretensão de citar todos os museus no território brasileiro, uma vez que muitas informações não são possíveis de serem acessadas.

¹⁷ A segunda edição do evento ocorreu entre 23 e 26 de abril de 2024, na Universidade de São Paulo. Para mais informações sobre o resumo do trabalho de Bruno Pellizzari, acesse o site do II Congresso Internacional de Numismática, na aba “Caderno de Resumos”, disponível em: <https://sites.google.com/view/usp-congresso-internacional-de>. Acesso em 7 de janeiro de 2025.

Tabela 1 – Museus brasileiros numismáticos ou que possuem um acervo de Numismática¹⁸

Museu	Localização	Acervo Numismático	Fonte
Museu Histórico Nacional	Rio de Janeiro, RJ.	150 mil peças	Disponível em: https://mhn.museus.gov.br/ Acesso em 5 de abril de 2024
Centro Cultural Banco do Brasil – Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, RJ.	800 moedas e cédulas, mapas, iconografia histórica e obras de arte contemporâneas	Disponível em: https://ccbb.com.br/rio-de-janeiro/programacao/do-sal-ao-digital-o-dinheiro-na-colecao-banco-do-brasil/ Acesso em 10 de maio de 2024
Museu da Casa da Moeda	Rio de Janeiro, RJ.	Informação não encontrada no site oficial	Disponível em: https://www.casadamoeda.gov.br/porta/socioambiental/cultural.html Acesso em 20 de abril de 2024
Museu da Imigração	São Paulo, SP	Quase 1.000 mil peças	Disponível em: https://museudaimigracao.org.br/ Acesso em 5 de abril de 2024
Museu Paranaense	Curitiba, PR	10.000 mil peças	Carlan, Cláudio; Garraffoni, S. Renata; Carneiro Jr., Renato Augusto. Moedas Romanas. Coleção do Museu Paranaense. Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, Curitiba, Paraná, 2015
Espaço Olavo Setubal (Itaú Numismática)	São Paulo, SP	6.919 peças	Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/espaco-olavo-setubal Acesso em 4 de abril de 2024
Museu Etnologia e Arqueologia da Universidade de São Paulo	São Paulo, SP	669 peças.	Disponível em: Lo Monaco, Viviana. The numismatic collection of the University of São Paulo (USP), Brazil. In: INC, cin, Internacional Numismatic Council. Compte Rendu 65/2018. Publié
Museu de Numismática Bernardo Ramos	Manaus, AM	35 mil peças	Disponível em: https://idd.org.br/iconografia/museu-de-numismatica-bernardo-ramos/ Acesso em 4 de abril de 2024
Museu Paulista	São Paulo, SP	25 mil peças	Perroni, Lígia, Kulaif. A Numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de História Natural. (1893-1916). Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2021.
Museu de Valores do Banco Central	Brasília, DF	135 mil peças	Disponível em: https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/museu Acesso em 4 de abril de 2024
Acervo Numismático do Museu da Cidade de Sertãozinho	Sertãozinho, SP	Informação não encontrada no site oficial	Disponível em: https://www.cemmmusc.com.br/conteudo/centro-municipal-de-memoria.html Acesso em 4 de abril de 2024
Museu Casa dos Contos	Ouro Preto, MG	Informação não encontrada no site oficial	Disponível em: https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/1062 Acesso em 10 de maio de 2024
Santander Cultural (Fechado temporariamente)	Porto Alegre, RS	22 mil peças	Disponível em: https://cms.santander.com.br/sites/WPS/documentos/arq-catalogonumismatica/20-09-15_202423_catalogonumismatica.pdf Acesso em 4 de abril de 2024
Museu Eugênio Teixeira Leal / Fundação BTG Miguel Calmon	Salvador, BA	9.233 peças (moedas, medalhas e condecorações nacionais e estrangeiras, medalhas militares, mobiliário, pinturas, placas, troféus, distintivos e selos)	Disponível em: https://www.museueugenio Teixeira Leal.org/acervo Acesso em 10 de maio de 2024
Sociedade Numismática Brasileira / Museu Numismático Julius Meili	São Paulo, SP	Informação não encontrada no site oficial	Disponível em: https://snb.org.br/museu-numismatico-julius-meili/ Acesso em 10 de maio de 2024

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁸ Atualmente, o Museu de Valores do Banco Central está fechado para reforma, sendo possível acessar apenas seu acervo online. O acervo numismático do Museu de Valores é composto por cerca de 135 mil peças brasileiras e estrangeiras, abrangendo diversos objetos pecuniários. “Estão presentes moedas, cédulas, condecorações, medalhas, títulos públicos e particulares, barras e pepitas de ouro, além de documentos e objetos que caracterizam o progresso tecnológico da fabricação do dinheiro, como matrizes de cédulas, cunhos, desenhos originais de cédulas e moedas” (Museu, 2018).

EDUCAÇÃO MUSEAL POR MEIO DAS MOEDAS: ESTUDO DE CASOS

Segundo seu site oficial, o Museu Histórico Nacional possui um acervo numismático que apresenta as coleções de moedas, medalhas, selos, selos sigilográficos e valores impressos, além do meio circulante de Brasil e Portugal, totalizando mais de 150 mil itens. “A qualidade do acervo faz da coleção de numismática a mais expressiva da América do Sul”¹⁹. Ainda segundo o site, o acervo numismático pode ser consultado, mediante agendamento por telefone ou e-mail. A consulta também pode ser feita através de outros acessos digitais, como Google Arts and Culture, ou pela versão online de seu acervo.

Entre as muitas pesquisas realizadas a partir do acervo numismático do Museu Histórico Nacional, merece destaque o trabalho do Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade (ATRIVM/UFMS), elaborado em 2018. O laboratório possui parcerias com instituições nacionais e internacionais, como o Museu de Arqueologia e o Museu de Ciência e Tecnologia da UFMS, bem como o Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. O grupo foi contemplado pela 19ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, recebendo um valor monetário expressivo para desenvolver ações de divulgação científica com fomento de órgãos como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

Uma dessas ações consistiu na criação da animação “Um dia no Museu: uma viagem pelos 100 anos do Museu Histórico Nacional” (Canal ATRIVM UFMS, 2022) que traz informações sobre o acervo do museu. Também foi produzida uma cartilha específica para a coleção numismática, com informações lúdicas e com representações de diversidade social do público presente no museu (Campos, 2023). Sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa Campos e por meio do Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária, foi realizada, em 2020, a ação “Ensino e Pesquisa em História Antiga – estudos de numismática romana com o acervo do Museu Histórico Nacional – RJ”.

Além disso, o projeto do ATRIVM também levou a ação museológica para dentro das escolas do Mato Grosso do Sul. O grupo baseou-se nas ideias de Germano e Kulesza (2007) sobre a aproximação entre a ciência histórico-arqueológica e o público por meio de ações educativas e sociais, que atuem em prol da reflexão das demandas sociais, gerando a ampliação de visões de mundo, fundamentando-se no respeito entre as identidades e as alteridades para o progresso científico e humano. A partir de um dos vídeos produzidos na Escola Municipal Honorivaldo Alves Albres, Anastácio – MS, foi possível observar a apresentação do acervo numismático nas escolas (Um dia no Museu, 2022).

No estado de São Paulo, destacamos outra proposta de ação museal centrada na parceria entre pesquisadores e museus da esfera privada, como foi o caso da inauguração da exposição permanente dedicada à numismática e à filatelia no Itaú Cultural da cidade de São Paulo. O Espaço Herculano Pires – nome dado em homenagem ao acervo numismático iniciado por Herculano Pires –, presente no prédio do Itaú Cultural, permite à comunidade o acesso ao vasto acervo de moedas, medalhas, cédulas e selos, proporcionando um exercício de (re)conhecimento da história plural, complexa e diversa do Brasil. A apresentação de mais de 7.000 peças, que estão em diálogo com trabalhos artísticos contemporâneos, estabelece novas possibilidades de leitura da memória do país. Realizações como essas – com ampla divulgação ao público, através de programas de informações televisivos – destacam a importância desses espaços, que devem ser voltados à população geral²⁰.

¹⁹ Disponível em: <https://mhn.museus.gov.br/index.php/acervo/>. Acesso em: 23 set. 2024.

²⁰ Curadoria de Vagner Porto, mestre e doutor em arqueologia, e textos do pesquisador Leno Veras. Mais informações disponíveis em: <https://ehp.itaucultural.org.br/sobre/>. Acesso em: 24 set. 2024.

É interessante observar como as moedas do acervo do Museu Histórico Nacional e de outras instituições museológicas privadas, como o Itaú Cultural, coordenadas por diferentes grupos (pesquisadores, alunos, instituição pública, instituição privada etc.) podem ser utilizadas para a sensibilização do ensino sobre História Antiga e História do Brasil. Nesse sentido, os museus podem produzir diferentes dinâmicas no ensino da Antiguidade e no conhecimento do patrimônio nacional, já que são espaços privilegiados de memória, que trazem a confluência sobre diversos conhecimentos sobre o passado de diferentes origens (Hecko, 2020).

Para Julia Moraes (2021), os debates sobre educação emancipadora, transformação social, inclusão, diversidade e democracia cultural vêm tensionando o campo da museologia. A contemporaneidade tem sido marcada pela diversidade museal como traço constituinte. A promoção e efetivação dessa comunicação levaria à maior participação dos diferentes públicos do museu, abrangendo âmbitos de preservação, pesquisa, gestão e comunicação do patrimônio (Decarli, 2008). Nesse sentido, ressaltamos a importância das pesquisas realizadas em museus, que procuram atribuir um papel social ao acervo numismático.

A coleção museológica do Museu da Imigração de São Paulo também é um exemplo que merece ser citado. O acervo foi formado a partir de objetos recolhidos das instituições que ocuparam o prédio da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás e a partir da doação de imigrantes e seus descendentes. O acervo numismático é composto por 776 moedas, 206 cédulas e 25 medalhas, tanto brasileiras quanto estrangeiras e as moedas foram doadas sobretudo por imigrantes e seus descendentes.

Além de promover a reorganização do acervo numismático do museu, Pellizzari (2022) trouxe um maior aprofundamento em relação à temática da imigração no Brasil, com foco no espaço social da Hospedaria de Imigrantes no Brás. Seu trabalho reivindica um novo sentido para essas peças numismáticas dentro do Museu da Imigração, pois, apesar de representarem quase 10% de todo o acervo, esses itens não possuem uma função específica dentro da instituição, sendo relegados a um papel secundário, de modo que o museu atua apenas como guardião dessas peças (Pellizzari, 2022).

Antes vistos como depósitos de coisas antigas, espaço para taxonomia e puramente arquivísticos, os museus agora buscam organizar seus acervos, considerando o aspecto cultural da cidadania. Apesar disso, ainda são múltiplos os desafios na busca de museus brasileiros que interajam com o usuário, visando o bem-estar social e o crescimento cultural da comunidade. Segundo Cury (2005, p. 367), esses espaços podem

[...] colaborar para o estudo da relação entre o homem – o público de museus – e a cultura material em exposição mediada pelo museu, relação que fundamenta como sendo de comunicação. O museu formula e comunica sentidos a partir de seu acervo. Esses dois atos são indissociáveis e, por isso, a área museológica e o público atribuíram a essa instituição o seu grande papel social.

Por fim, citamos o trabalho realizado no acervo numismático do Museu Paranaense, que analisou as moedas romanas ali contidas. Por meio da ação conjunta entre funcionários do museu, professores universitários e alunos, o projeto gerou uma publicação, em 2015, com seus principais resultados. Sob a orientação da Prof. Dra. Renata Senna Garrafini, tutora do Programa de Educação Tutorial (PET)²¹ do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e da historiadora Tatiana

²¹ Programa Educação Tutorial (PET) destina-se a fomentar grupos de aprendizagem tutorial mediante a concessão de bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação e bolsas de tutoria a professores-tutores de grupos do PET. É da competência da Diretoria de Políticas e Programas de Educação Superior, no âmbito da Coordenação Geral de Relações Estudantis e Serviços Digitais (Dippes/CGRED). (Ministério da Educação, s.d.).

Takatuzy, coordenadora do setor de História do museu, os alunos Alexandre Cozer, Karin Joaquim e Willian Funke envolveram-se nas reservas técnicas para garimpar a coleção de moedas romanas e descobrir o que havia de fato por trás daqueles objetos²².

Seguramente a experiência do trabalho com a cultura material e seus múltiplos significados, de conhecer mais os debates acerca de museologia, restauro e exposição das coleções, despertou no grupo o desejo de ir além da pesquisa e da catalogação para explorar a riqueza desse material no ensino da História nas escolas. O desdobramento dessa percepção não prevista foi o que levou a realizar, ao longo de 2014, Oficinas sobre Numismática e Moda e História da Indumentária [...], bem como a ida de alguns alunos ao Rio de Janeiro para conhecerem mais sobre a preservação e restauro de armas antigas (Garraffoni, 2015, p.14-15).

Todo o trabalho coletivo, além das interlocuções e troca de experiências efetuadas entre os funcionários do Museu Paranaense e corpo docente e discente de diferentes universidades federais, possibilitou uma melhor compreensão do acervo e sua divulgação através da pesquisa e do contato com a comunidade. Segundo Raquel dos Santos Funari (2022), há poucos estudos e publicações sobre o tema da relação entre os acervos arqueológicos e a educação, quando consideramos a amplitude dos acervos brasileiros. Assim, a falta de contato e apropriação dos lugares (museus e sítios arqueológicos) e de coisas (objetos culturais e patrimônios) pelas pessoas tem sido responsável por uma alienação espiritual e pela depredação monumental. Daí, a importância da sua apropriação educativa desses acervos (Funari, 2022).

CONCLUSÃO

Todos os movimentos expostos até aqui foram desenvolvidos a partir do interesse pelos museus e seus acervos, refletindo sobre a importância da cultura material na construção da memória. Segundo David Lowenthal (1985), é essencial que historiadores, arqueólogos e, aqui acrescento, museólogos, desenvolvam a sensibilidade de entender que as pessoas valorizam o passado e constroem suas relações com ele, inserindo nossas atividades profissionais em um contexto social e político. Embora as relíquias sejam estáticas, cabe a nós atribuir-lhes sentido.

A mudança de uma visão iluminista de museu para uma perspectiva de um museu que busca visões mais diversificadas e plurais foi devidamente influenciada pelo papel educativo dos museus. O museu e a educação são pontos indissociáveis, que promovem a formação de cidadãos conscientes que, por meio da memória do passado, obtêm um melhor entendimento do presente e de sua identidade, modificando sua realidade e contribuindo para um efetivo exercício da cidadania (Café, 2007).

Concordamos com a ideia de que o espaço do museu, junto com sua parte educativa, configura um local de formação para além da sala de aula, possibilitando desenvolver melhor os conhecimentos (Hecko, 2020, Pasqualucci, 2020). Para que essa educação efetivamente funcione, o museu deve ser um espaço crítico, permitindo que seu usuário/público participe criticamente do processo museal. “Quanto menos o museu estiver envolvido (em diversos níveis e possibilidades) com a produção de conhecimento, mais se tornará um mero repassador de informação, sujeito a perder o controle de seu curso” (Meneses, 2000, p. 96-97).

²² O trabalho também contou com o conhecimento e a experiência do Prof. O Dr. Cláudio Umpierre Carlan, da UNIFAL-MG.

Segundo Cury (2013), apoiada pelas contribuições de Meneses (2000), é importante explorar a cultura material e não usar a materialidade presente no museu como ilustração de um discurso desvinculado dessa instituição ou mesmo supervalorizar certos objetos, impondo-lhes um valor patrimonial. Independentemente dos desafios ainda presentes no processo de participação do público como sujeito cultural nos processos museais e da educação patrimonial, as reflexões resultantes dos projetos desenvolveram múltiplos significados, aproximando as pessoas do espaço do museu e instigando-as a pensar sobre as coleções, as instituições e os povos do passado.

Os acervos numismáticos no Brasil são um instrumento importante para se refletir sobre aspectos de arte, cultura, política e educação. As moedas antigas chamam a atenção para a Antiguidade, permitindo que pensemos em conceitos-chave da sociedade ocidental e de valores que derivam de interpretações do mundo antigo. Embora existam projetos educativos envolvendo moedas e museu, esses ainda são insuficientes, quando consideramos o grande número de instituições museais com acervos numismáticos apresentados, superficialmente, pela Tabela 1 deste artigo. Entendemos que o potencial educacional dos museus ainda é pouco explorado, de modo que são necessários mais projetos que explorem o potencial numismático no meio social por meio de novas propostas de ações entre museus e seus públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUSEU de valores e galeria de arte. *Banco Central do Brasil*, 15 dez. 2018.

CAFÉ, Daniel Calado. *Patrimônio, identidade e memória*: proposta para a criação do Museu do Território de Alcanena. Dissertação (Mestrado em Sociomuseologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2007.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (coord.). *Um dia no museu*. A formação e o acervo de numismática do Museu Nacional. São João de Meriti: Desalinho, 2023.

CANAL ATRIVM UFMS. Um dia no Museu: uma viagem pelos 100 anos do Museu Histórico Nacional para as escolas de MS. YouTube, 20 dez. 2022.

CARLAN, Cláudio. Linguagem e imagem: numismática como documento. *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*, v. 19, n. 28, p. 13-25, 2014.

CARLAN, Cláudio; FUNARI, Pedro Paulo. *Moedas: a numismática e o estudo da história*. São Paulo: Annablume, 2012.

CARLAN, Cláudio; GARRAFFONI, S. Renata; CARNEIRO JÚNIOR, Renato Augusto. *Moedas romanas*. Curitiba: Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, 2015.

CLAIN-STEFANELLI, Elvira. *Numismatic bibliography*. Munique (DE): Battenberg, 1984.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 12, p. 365-380, 2005.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. *Ensino em Revista*, v. 20, n. 1, p. 13-28, 2013.

CURY, Marília Xavier. Comunicação, público e recepção – atenções e visões na amplitude e diversidade museológica. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 4, n. 7, p. 11-16, 2015.

DECARLI, Georgina. *Un museo sostenible: museo y comunidad en la preservación activa de sua patrimonio*. San Jose (CR): EUNA, 2008.

- DEMARCHI, João Lorandi; SCIFONI, Simone. Patrimônio cultural e educação patrimonial: a operação historiográfica e a tática marginal. *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, v. 5, p. 1-17, 2019.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. A origem grega das moedas romanas. In: FÉLIX, Loiva Otero; GOETTEMES, Miriam Barcellos (orgs.). *Cultura grega clássica*. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 133-137.
- FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Coleções de moedas no Brasil: para que serviram, para que servem. *Boletim da Sociedade Numismática Brasileira*, n. 55, p. 47-54, 2005.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B.; RIBEIRO, Angela Maria Gianeze; LO MONACO, Viviana. *A coleção de moedas romanas da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2015.
- FRÈRE, Hubert. Numismática. *Uma introdução aos métodos e à classificação*. São Paulo: Louvain-la-Neuve, 1984.
- FUNARI, Raquel dos Santos. Arqueologia e educação, os desafios do uso de um acervo arqueológico. In: OLIVEIRA, Jorge Eremitas de; CAMPOS, Juliano Bitencourt; FUNARI, Pedro Paulo Abreu (orgs.). *Temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2*. Ponta Grossa: Atena, 2022. p. 1-10.
- FUNARI, Pedro Paulo. Numismática: moedas a serviço do conhecimento e do convívio. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de (org.). *Numisma, estudos indisciplinados sobre numismática antiga*. Editora UniVassouras, 2024. p. 251-270.
- GARRAFONI, Renata Senna. Introdução. In: CARLAN, Cláudio; GARRAFFONI, S. Renata; CARNEIRO Jr., Renato Augusto (orgs.). *Moedas romanas*. Curitiba: Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, 2015. p. 2-15.
- GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da ciência uma revisão conceitual. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2007.
- GRIESON, Philip. *Bibliographie numismatique*. 2. ed. Bruxelas (BE): Cercle d'Études Numismatiques, 1979.
- HECKO, Leandro. O museu itinerante (MUH): sensibilização para o ensino da História Antiga. Museu e Patrimônio Cultural no Mato Grosso do Sul. In: SILVA, Douglas Alves da; GASQUES, Lia Raquel Toledo Brambilla; COSTA, Carlos Eduardo da (orgs.). *Museu e patrimônio cultural em Mato Grosso do Sul, pesquisa, cultura, educação e identidade*. São João de Meriti: Desalinho, 2020. p. 71-82.
- LO MONACO, Viviana. The numismatic collection of the University of São Paulo (USP), Brazil. INC, cin, International Numismatic Council, Compte Rendu, p. 44-50, 2018.
- LO MONACO, Viviana. A moeda como instrumento interpretativo em arqueologia. In: PORTO, Vagner Carvalheiro (org.). *Arqueologia hoje: tendências e debates*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2019. p. 749-763.
- LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge (UK): CUP, 1985.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciência e Letras*, n. 27, p. 91-101, 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de Educação Tutorial (PET). Página Áreas de Atuação>Educação Superior>PET. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/es/pet>. Acesso em: 7 de jan. de 2024
- MORAES, Júlia Nolasco Leitão de. Horizontes e itinerários da participação dos públicos nos museus. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 10, n. 20, p. 168-190, 2021.

- MOTA, Thiago Eustáquio Araújo; SOUZA, Marcelo Miguel de. Uma reflexão sobre o uso de documentos na antiguidade e a instrumentalização do conhecimento histórico segundo o BNCC: o exemplo das moedas romanas. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia Bomfim; BACCEGA, Marcus (orgs.). *História antiga e medieval, ensino, sociedade e cotidiano: diálogos entre o passado e o presente*. São Luís: Uema, 2019. p. 281-295.
- PASQUALUCCI, Luciana. Museu: espaço de produção e reprodução de modos de vida. *Revista Museu*, v. 1, n. 1, 2020.
- PELLIAZARI, Bruno Henrique Miniuchi. O acervo numismático do Museu da Imigração de São Paulo. *Blog Museu da Imigração*, 5 dez. 2022.
- PELLIZZARI, Bruno Henrique Miniuch. *O novo museu da Sociedade Numismática Brasileira*. 2023. Monografia de Conclusão de Curso – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2023.
- PÉREZ, Christine. *Monnaie du pouvoir, pouvoir de la monnaie*. Besançon (FR): Presses Universitaires Franche-Comté, 1986.
- PERRONI, Ligia, Kulaif. *A Numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de História Natural*. (1893-1916). Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, 2021.
- SOARES, Bruno C. Brulon. A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do museu. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 5, n. 2, p. 55-71, 2012.
- UM DIA NO MUSEU – ATRIVM UFMS. Pitch#5 – Projeto Um dia no Museu – Escola Municipal Honorivaldo Alves Albres, Anastácio – MS. YouTube, 29 dez. 2022.